



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

A arte de ensinar os filhos nobres na Castela dos séculos XV e XVI

Yasmin de Andrade Leandro¹

Resumo: Entre o final do século XV e início do XVI, cresceu o interesse dos letrados e dos reis de Castela pela educação dos nobres, em grande parte devido à troca de influências com os humanistas que vinham da Itália. Através de alguns tratados contendo exemplos virtuosos, foram estabelecidas pelos letrados castelhanos regras para a educação dos filhos e filhas. Nosso objetivo principal é examinar e serializar esses tratados em que o diálogo é estabelecido entre o pai e os filhos. Os tratados que versam sobre a educação dos homens são: “*Manera de criar a los hijos*” escrito por Rodrigo Sánchez de Arévalo e “*De liberis educandis*” escrito por Antonio Nebrija. Além da riqueza do seu conteúdo, tais tratados foram escolhidos em razão da sua larga difusão na Península Ibérica. A maior parte deles se apresentou como uma espécie de “arte da vida”, o que nos leva a interrogar como tais noções novas ou retomadas foram recorrentes no período e projetaram ideais de boa conduta para os homens.

Palavras-chaves: Mancebos; Educação; Tratados.

Abstract: Between the end of the fifteenth century and the beginning of the sixteenth century, the interest of the learned men and kings of Castile grew for the education of the nobles, largely due to the exchange of influences with the humanists who came from Italy. Through some treatises containing virtuous examples, rules for the education of sons and daughters were established by Castile scholars. Our main objective is to examine these treatises in which dialogue is established between the father and the children. The treatises on the education of men are: “*Manera de criar a los hijos*” written by Rodeigo Sánchez de Arévalo and “*De liberis educandis*” written by Antonio Nebrija. In addition to the richness of their content, such treatises were chosen because of their wide diffusion in the Iberian Peninsula. Most of them presented themselves as a sort of “art of life,” which leads us to question how such new or resumed notions were recurring in the period and projected ideals of good conduct for men.

Keywords: Mancebos; Education; Treaties.

Os escritos dos séculos XV e XVI em Castela baseavam-se em uma premissa fundamental de que haveria nos seres humanos uma inclinação natural para o mal, sendo necessária e indispensável a educação, especialmente aquela dirigida às mulheres. Os letrados e reis acreditavam estarem encarregados de corrigir diversos problemas sociais, desde o modo de vida até onde se vivia. A educação e a instrução² eram muitas vezes consideradas sinônimos, fornecendo uma fuga da “ignorância, a mãe de todos os erros” (RUCQUOI, 1996, p. 3).

¹ Mestranda UNESP-Franca, Bolsista Cnpq.

² Termos como educação, instrução e práticas, são utilizados ao longo do texto como parâmetros de verdades para a época em questão, uma vez que os atos humanos não podem ser explicados apenas compreendidos.

Os principais instrumentos eram os livros, tratados e crônicas, que muitas vezes continham diversos títulos abordando temas como: humanidades e moralidades, além de reunir autores de diferentes períodos, como Cícero, Sêneca, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Isidoro e São Tomás de Aquino, que são repetidamente abordados ao longo de suas diversas obras (SERVERAT, 2007, p. 219).

Os tratadistas argumentavam que a manutenção de uma conduta exemplar e a realização de boas práticas não só agradavam a Deus, como serviam de benefício para a comunidade, além de garantir a prosperidade e a bonança (VILLA PRIETO, 2016, p. 158). A novidade consistia em entender que a educação não deveria se esgotar na escola nem se limitar aos anos de juventude, mas ser entendida como um processo contínuo, no qual faziam parte diversos instrumentos, tais como os jogos, que levavam a uma maior interação social.

A formação e educação dos grupos privilegiados na sociedade medieval eram feitas através de três mecanismos básicos: aprender fazendo, a partir dos ensinamentos dos textos e ensinamentos transmitidos oralmente (BECEIRO PITA, 2013, p.169). A aristocracia castelhana associava saber e poder; associação essa que figura como uma essência da própria aristocracia e se encontrava enraizada nas tradições peninsulares, culminando em um reino com o maior número de escritores surgidos da nobreza.³

Os textos doutrinários e os tratados ético-morais do período caracterizam-se por utilizar histórias verídicas ou legendárias, e seus ensinamentos serviam como espécies de fábulas de moralidade (BECEIRO PITA, 2007, p.46). A educação constituía um fenômeno complexo, assim, não se podia limitar apenas ao final da infância, sendo essencial que fosse prolongada por toda a vida, de forma que os temas mais abordados difundiam-se por: textos sagrados, obras devocionais, literatura ético-política e crônicas.

Regras para a educação e formação dos nobres mancebos

Qualquer árvore, mesmo que fértil e com
possibilidade de se multiplicar, se for
negligenciada muitas vezes se tornará estéril se
não importar a quem fica aos seus cuidados.
(ARÉVALO, 1999, p.75).

³ Que na maior parte das vezes remontavam a personagens e condutas modelo do passado, fazendo paralelismos com as situações presentes no período, este modelo se assimila aos sermões e as doutrinações feitas pelos eclesiásticos. BECEIRO PITA, Isabel. Libros, lectores y bibliotecas em la España medieval. Murcia: Nausícaa, 2007, p.27.

A educação da nobreza varonil alimentava-se em grande parte das obras destinadas aos príncipes e grandes senhores, os chamados espelhos de príncipes. Esses Tratados são reconhecidos pelos historiadores por sua importância na compreensão das ideias de governantes medievais, refletindo um modelo teórico de governo e comportamento que, embora não se possa dizer que seja coincidente com a realidade histórica, traduzem certos modelos (SILLERAS-FERNÁNDEZ, 2016, p. 396). Esses meios e esses métodos educativos foram sendo, ainda que lentamente, adaptados às "novas" prioridades e às "novas" orientações da ação educativa, no sentido pedagógico, moral e catequético, ou seja, a uma releitura dos clássicos como base de um modelo social a ser seguido.

Até o início do século XV, é possível dizer que os tratados visavam formar o príncipe perfeito, o que deu origem aos espelhos de príncipes e conseqüentemente à proliferação dos mais variados tipos de tratados. A característica principal desse gênero era apresentar um elenco completo das virtudes cristãs que permitissem o bom governo. Como lembrava Santo Agostinho, existiam três obstáculos principais à existência permanente e à boa ordem do estado: primeiramente, o homem, por natureza, não aguentava muitas dificuldades nesta vida, assim, o príncipe deveria compensá-lo pelo cuidado na formação da geração mais nova para substituir a anterior; uma segunda dificuldade era causada por "radicais" ou por objetores crônicos, que encontravam a correção nas leis, preceitos e punições, prevenindo, assim, condições similares no futuro; a terceira era causada por ações externas, como a guerra, sendo a única proteção nesse caso contra todos os inimigos possíveis.

Diante disso, o príncipe deveria fazer o seu melhor para manter firmes os laços de paz e boa vontade mútua dentro do reino e providenciar o essencial para uma vida virtuosa (KRUGER BORN, 1928, p. 481). Acima de tudo, era necessário ser cristão, de forma que os espelhos asseguravam a salvação do rei e de seu povo.⁴ Nesse novo contexto, o desempenho futuro dos príncipes contemplava a complementaridade das "letras" às "armas", bem como a valorização de todos os atos exteriores, como o falar e o saber agir de acordo com as diferentes situações que o futuro príncipe ou senhor enfrentaria.

⁴ Essas diretrizes foram baseadas nos motivos que só a consciência do rei adequadamente canalizadas poderiam garantir o bom funcionamento do reino, existindo a concepção de que apenas um rei que sabia governar a si próprio poderia governar corretamente seu povo. Além disso, trazia a concepção do rei como um espelho, ou seja, como um modelo para seus súditos, os letrados do período acreditam que os súditos tendem a imitar os seus vícios mais do que suas virtudes, reforçando a ideia de que a verdadeira moral deve ser irrepreensível, especialmente se considera a sua posição na hierarquia do reino e que faz com que sua imagem perante os súditos seja ainda mais visível. NOGALES RINCÓN, David. Los espejos de príncipes en castilla (siglos XIII-XV): un modelo literario de la realeza bajomedieval. Universidad complutense. Madrid, p.11.

Dada a forte interdependência do ensino das letras e da doutrina cristã, com pautas recorrentes, a conduta moral dos mancebos era o principal alvo dos diversos autores, que estabeleciam as bases da "educação" dos filhos a ser passada pelos próprios pais ou, no caso de terem posses ou na impossibilidade de o fazerem eles próprios, por intermediários (ASTETE, 1592, p. 78). A nobreza, por suas posses, podia escolher os mestres, mas muitos não tinham as mesmas condições, ou seja, deveriam ser eles próprios a empreender essa tarefa, com o que dispunham de saber e possibilidades.

Tendo em conta a preocupação com o papel dos pais na educação dos filhos, os letrados do final do século XV adaptaram as suas prioridades catequéticas e moralizadoras (CORREIA FERNANDES, 1995, p. 378), como veremos melhor a seguir, atentando para as "virtudes" louvadas no mancebo cristão e o seu comportamento dentro de casa, a partir de algumas recorrências como: a castidade, a imitação de Cristo e dos santos, a confissão frequente, a honestidade, a modéstia, a boa compostura exterior, a decência ao se vestir e um comportamento adequado com os irmãos, as irmãs e os criados.

No ano de 1453, Rodrigo Sánchez de Arévalo dá a conhecer o primeiro Tratado Prático de Educação Castelhana ⁵, um breve tratado em prosa latina, dedicado ao príncipe herdeiro, futuro Enrique IV de Castela (HAYWARD, 1930, p. 197), que precisava de um conselheiro. O livro foi encomendado pelo secretário real Alfonso González de la Hoz (FERNÁNDEZ; VILA, 2000, p.44). Ao longo de sua obra, faz diversas reflexões sobre os conceitos de *otium* e *negotium*, comparando o aproveitamento desses temas em Castela e em outras nações que ele havia conhecido em suas andanças. Arévalo faz uma breve introdução de suas ideias sobre o que se deve ou não fazer na educação das crianças, para justificar o objetivo edificante de seus escritos. Conhecida como *Manera de criar a los hijos*, nesta obra, o historiador e teólogo castelhano opta por retomar os ensinamentos de grandes pensadores antigos, tendo como base em especial o “*Regimento de príncipes*” de Egídio Romano ⁶.

Ao descrever, em um prólogo e nove capítulos, a forma ideal de educar os filhos varões, para inseri-los na vida social, Arévalo mostra que suas preocupações, em acordo com a de outros castelhanos letrados do seu tempo, eram com as condutas de cada um particularmente ⁷,

⁵ Rei Enrique IV que teve seu reinado apelidado de calamitoso, em que se encontravam diversas contradições, escândalos, distúrbios cortesãos e maus costumes que condenavam toda a nação segundo relatos do período. TONI, Teodoro. Don Rodrigo Sánchez de Arévalo, 1405-1470, p.163.

⁶ Segundo o autor essa semelhança acontece nos conteúdos, exemplos e citações. ARÉVALO, Rodrigo Sánchez de. *Manera de criar a los hijos* (1453), p.46.

⁷ Alguns autores falam até em “desenvolvimento do indivíduo” – A educação se tratava de um dever social, em que o indivíduo se torna útil para a sociedade. ORTEGA SÁNCHEZ, Delfín. *Infancia, familia y educación en la Edad Moderna española: un recorrido a través de las fuentes pedagógicas (siglos XVI-XVIII)*. In: Tejuelo, nº11, 2011, p. 86.

mas buscando guiar a todos a uma paternidade responsável, a partir da valorização das suas capacidades individuais (DEL VAL VALDIVIESO, 2013, p. 11) e sempre remontando às histórias antigas e à Bíblia (RUCQUOI, 2000, p. 323). A preocupação dele e seus contemporâneos, como Antonio de Nebrija, era lembrar as atuações de personagens ilustres, por suas ações virtuosas ou não, com alguma atenção para as ações femininas que deveriam ser observadas pelos mancebos.

Em 1509, cinquenta e seis anos após ter ganhado a luz a obra de Arévalo, Antonio de Nebrija escreve *De liberis educandis*, um novo tratado baseado naquele de Arévalo, este dedicado à Miguel Almazán, um dos secretários de Fernando de Aragão, para que este com prudência aprendesse a regradar sua conduta bem como os métodos e técnicas para cuidar da instrução dos filhos; um assunto, segundo adverte, que muitos pais desprezavam e que resultava em prejuízo aos seus filhos. Os escritos deviam, pois, reverter um quadro de ensino que era ainda bastante rústico, em que poucos sabiam latim. Assim, propuseram traduções que permitissem o acesso às grandes obras antigas, as quais foram realizadas, sobretudo pelos clérigos, que dominavam essa arte de fazer traduções e conheciam o latim (KOHUT, 1980, p. 431). Assim segue-se alguns dos conselhos para determinados elementos dessa sociedade.

Os progenitores

Dos temas abordados em ambas as obras que compreendem a educação que os jovens recebiam no fim do século XV e início do XVI, alguns aspectos merecem destaque. Todos os ensinamentos aos mancebos iniciavam-se a partir da educação para a procriação adequada dos filhos. Os autores buscavam desenvolver nos futuros progenitores o sentimento de orgulho de ser pai de filhos ilustres, esquadrinhando as ações que interferiam para a formação intelectual, física e moral de suas proles. Para eles, tudo começava com a escolha da esposa ideal, uma vez que essa não deveria ter atitudes desprezíveis, depreciáveis e tampouco o nome da sua família deveria estar de alguma forma manchado (ARÉVALO, 1999, p.69). O varão, portanto, tal como o lavrador com suas terras, devia cultivar a mulher para ser capaz de procriar adequadamente, para que sua semente nascesse em uma ótima e fértil terra; assim, a mulher ideal deveria possuir bons costumes para que os filhos fossem obedientes aos seus pais e providenciassem todo o apoio necessário para a velhice de ambos.

Aqueles, por exemplo, que engravidassem, meretrizes e mulheres ditas desonestas condenariam seus descendentes à infâmia enquanto vivessem e seriam rejeitados como moedas falsas de dinheiro. Da mesma forma, a filhos ilustres e virtuosos era atribuída uma progenitura

de “almas generosas”; o medo era que a partir dessa relação se formassem “almas ignóbeis e degradadas” (NEBRIJA, 1999, p.99). Assim, para justificar suas palavras, ambos os autores citam o exemplo dos Lacedemônios, que tiveram seu rei Arquelão aprisionado por se casar com uma mulher vista como inapropriada por seus súditos, por possuir baixa estatura. Condição que, nas suas crenças, resultaria na dificuldade para engravidar ou na geração de crianças tidas como fracas e sem forças suficientes para governar (NEBRIJA, data, p.69).

Tais preocupações justificavam-se, pois, segundo uma concepção corrente nesse contexto, muitas das características dos filhos eram transferidas dos progenitores no ato da concepção. Em Erasmo na obra *De Pueris Instituendis*,⁸ fica bem explícito de onde vinham essas ideias sobre a saúde das crianças. Dessa forma, os letrados começaram a perceber a importância da infância na vida do homem e às potencialidades da sua educação, uma vez que era imprescindível na formação do futuro adulto que este sempre respeitasse as leis de Deus e dos homens a partir de uma incansável busca pelas virtudes que o levassem a uma vida bem vivida e digna.

Assim, era recomendado que as práticas carnavais não se efetivassem quando os homens estivessem embriagados, pois aqueles que eram gerados a partir de uma relação feita sob a embriaguez nasciam exatamente com essas características e desejosos de vinho. O vinho em excesso era considerado um pecado, visto que tornava os indivíduos mais suscetíveis aos delitos. Em contrapartida, quando realizado o ato carnal com afeto, as chances de a criança nascer com tranquilidade e sem instintos desordenados seria maior.⁹ O aprendizado desses letrados quatrocentistas vinha sendo justificado com uma lembrança das obras de Aristóteles, que tinha ensinado que não eram apenas as disposições físicas, como força e beleza, que eram herdadas dos pais, mas as da alma também eram herdadas, podendo-se adquirir dos pais as virtudes e a nobreza (ARÉVALO, 1999, p.69). Assim, os homens deveriam aproximar-se das esposas com temperança, moderação, recato e graciosidade ao dirigir-lhe a palavra, além do que seus movimentos deveriam ser naturais e nada abruptos.

A gravidez

Quanto à gravidez, haviam mais cuidados a serem tomados, como a idade ideal para que

⁸ ERASMO. *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*. Tradução e estudo de Jean-Claude Margolin, Genebra, Suíça, 1966, p. 382-3.

⁹ Arévalo acreditava que durante o ato carnal tudo poderia interferir para a formação moral, intelectual e corporal dos filhos. ARÉVALO, Rodrigo Sánchez de. *Manera de criar a los hijos* (1453), p.71.

a ela acontecesse. Os homens deveriam possuir quarenta e dois anos e as mulheres vinte, uma vez que se as idades fossem muito diferentes daquelas que julgavam adequadas, eles acreditavam que os descendentes nasceriam muito pequenos e fracos (NEBRIJA, 1999, p. 103). Além disso, se a mulher fosse muito mais jovem, poderiam ocorrer dificuldades no momento do parto, chegando a resultar até mesmo em uma viuvez precoce do esposo. A formação dos corpos das crianças estava diretamente ligada, segundo eles, às características e às idades dos pais, por isso, se um pai desejava que seus filhos fossem vigorosos, ele deveria se exercitar em trabalhos moderados para que a criança nascesse com força natural e digna de um homem livre¹⁰. Um filho deveria ser forte e virtuoso para retribuir tudo o que foi feito quando criança por seus genitores¹¹.

Quando a criança nascia, os cuidados deveriam ser mais extremados. O principal ponto analisado era a amamentação das crianças, pois ressaltava-se a periculosidade dos primeiros contatos, principalmente pela alimentação, que para eles deveria ser sempre realizada pelas mães, uma vez que apenas elas poderiam nutri-los com a maior diligência e amor pelo elo afetivo existente entre os dois.¹² Entretanto, em casos extremos, em que por razões, entre outras, como a necessidade de engravidar novamente ou a falta de saúde,¹³ as mães não pudessem amamentar os pequenos, era necessária a utilização das amas de leite. Essas deveriam ser escolhidas de forma criteriosa, sendo analisado se possuíam leite em abundância, se eram saudáveis, a forma de seu corpo, a juventude, etc. Se possível, era aconselhado utilizar-se de mulheres que ainda não tinham amamentado filhos e, o mais importante: com uma índole

¹⁰ As divisões das idades dos homens geralmente são feitas a partir de autores da Antiguidade, nomeadamente Aristóteles, para os quais estes autores remetem com maior frequência, todavia, tal como os clássicos, estes autores nem sempre coincidiram no modo de fazer essa divisão. A título de exemplo, Frei. Marco A. de CAMOS dividiu a vida humana em 5 idades: infância (até aos sete anos), puerícia (até aos 14), adolescência (dos 14 aos 25 ou 27), juventude (dos 25 ou 27 aos 50) e a última, "senectude", a partir dos 50. CAMOS, Marco Antonio de. *Microcosmia, y gobierno universal del hombre christiano, para todos los estados y qualquiera de ellos*, Barcelona, en el Monasterio de Sancto Augustin, 1592, p.101

¹¹ Os gregos denominavam *pelargosin* e em latim *recomation* a virtuosidade de retribuir aos pais tudo o que foi feito por eles quando se era uma criança. NEBRIJA, Antonio. *De liberis educandis*, p.103.

¹² Essas ideias tiveram suas origens em teorias médicas vigentes no momento de que a presença de um fluido em comum do corpo, ou seja, o sangue uterino com o qual o feto se alimentava durante a gravidez e o leite da mãe eram semelhantes. Foi atribuído à capacidade da natureza de transformar o sangue uterino no leite após o parto, com o propósito do recém-nascido continuar a sua alimentação e formação com o mesmo material que foi sustentado durante a fase fetal. Isidoro de Sevilha é identificado como um dos disseminadores mais importantes dessa crença no século XVI: "Após o nascimento, qualquer sangue que ainda não tenha sido gasto na alimentação do útero flui pela passagem natural aos seios e clareando, por essa virtude recebe a qualidade do leite". RIVERA, Olga. *La crianza de los hijos en los tratados de educación de Rodrigo Sánchez de Arévalo y Elio Antonio de Nebrija*, 2015, p.169.

¹³ A abstinência sexual pelo período de três anos em que se estendia, geralmente, a amamentação na época, era incompatível com as demandas reprodutivas de elites econômicas e sociais. A contratação de amas de leite liberou as mães da tarefa de amamentar e assim, as deixava disponíveis para continuar a procriação ininterrompida dos herdeiros das propriedades e dos títulos. DILLARD, Heath. *Daughters of the Reconquest*. In: *Women in Castilian Town Society 1100-1300*. Cambridge: Cambridge UP, 1984, p.179.

impecável, sem resquícios de vulgaridade e com o devido reconhecimento dos seus costumes idôneos. As mães também deveriam tomar todos os primeiros cuidados com as crianças, trocando as fraldas e as fazendo dormir.

Existiam, ainda, determinadas colocações sobre ações das mães ao longo da infância. Uma delas dizia respeito à alimentação. Os tratadistas defendiam que estas deveriam comer muitos alimentos vigorosos e sólidos, além de praticarem exercícios moderados para que não se mantivessem no ócio; para que se estabelecessem firmemente na criação de seus filhos. Mais um exemplo citado é o de Favorini, um filósofo que publicou um famoso livro sobre a educação dos filhos, que conta a história de uma jovem grega que havia dado à luz há pouco tempo e que esperava ansiosamente pela chegada das amas de leite que ela havia contratado. Quando questionada do porquê da contratação, essa lhe respondeu que sofrera muito durante o parto e não aguentava mais esse doloroso fardo. Favorini, então, pede-lhe para que pense bem sobre suas ações, argumentando que ela deveria se tornar uma mãe por total para o seu filho, ou seja, assim como o alimentara no ventre, deveria alimentá-lo fora dele. Para Nebrija, assim como o sêmen tinha a força para moldar as semelhanças do corpo e da alma, o leite tinha o mesmo poder. Dessa forma, aconselhavam muito cuidado com as escolhas, uma vez que as amas poderiam ser incultas, malvadas, feias, desonestas e bêbadas. Não era, pois, de se admirar que mulheres virtuosas não possuísem filhos semelhantes, visto que essas tinham se recusado a amamentá-los e a moldar suas virtudes (NEBRIJA, 1999, p. 105). Isto é, estabeleciam um claro vínculo entre os cuidados com o corpo e aqueles com o espírito.

Ainda existiam cuidados extras com aquelas crianças que nascessem com algum tipo de imperfeição devido à violência do parto ou por má formação natural. Essas imperfeições deveriam ser corrigidas o quanto antes, pois, com a idade e flexibilidade dos membros era possível se adaptar rapidamente a qualquer indisposição. Se alguma das crianças por conveniência ou preguiça comesse a ficar ruim dos pés e a imitar pernas arqueadas, era necessário e desejável que fosse corrigida. Segundo Persio, um poeta satírico da Roma Antiga, adepto do estoicismo, com um senso crítico forte contra os abusos de seus contemporâneos, em seus textos, que foram especialmente populares na Idade Média, em Castela ficou conhecido por suas proposições sobre os cuidados com os filhos, seus escritos só foram publicados após a sua morte, por seu amigo e mentor, o filósofo estoico Lúcio Aneu Cornuto. Era essencial a capacidade de viver sem tropeçar, para que membros deformados e defeituosos fossem corrigidos ou que se perfeitos não “dessem” errado durante a fase de crescimento. Aristóteles,

que foi referência sempre lembrada no período em questão, cita o exemplo dos Galos ¹⁴, que mergulhavam os recém-nascidos em águas geladas e embrulhados em roupas muito leves, considerando isso de grande importância não só para a saúde do corpo, mas também para suportar os rigores da natureza. Ainda segundo Nebrija, não deveria ser esquecido que, nesta idade, a dança era apropriada para as crianças de boa família, que entendiam esses gestos e movimentos de todo o corpo como forma de educação; ensinando-lhes como as mãos e os braços não deveriam ser colocados de maneira rude e vulgar e não existindo nenhum constrangimento no movimento dos pés, na cabeça e nos olhos, que sempre deveriam estar em contradição com os outros movimentos do corpo ¹⁵.

Os preceptores

Outro tema muito recorrente em ambas as obras é a questão dos preceptores e as atividades características dos mesmos. Eram eles responsáveis por uma nova fase da vida das crianças, a saber, aquele momento em que estas não são mais consideradas “cunabulares”, ou seja, os anos iniciais na fase em que estas estão começando a formação das palavras e a ter uma ideia do que é o pudor. O tempo gasto pelas crianças no estudo era aperfeiçoado inteiramente na adolescência e deveria alcançar a perfeição durante a vida adulta. Nebrija propõe que a alma possui duas naturezas, uma racional/intelectual e a outra irracional/apetitiva, devendo ambas serem ensinadas desde o berço. Segundo ele, não se podia evoluir sem o avanço das duas, de forma que não se devia descuidar nem das letras nem dos costumes (NEBRIJA, 1999, p. 114). Lembrava que, nessa fase, existia a necessidade de um pedagogo ou do preceptor para que o caminho para as boas virtudes fosse menos árduo.

Dessa forma, as crianças deveriam ser entregues aos cuidados imediatos de um preceptor que deveria, como os pais, possuir costumes e valores virtuosos ao longo de sua vida e ser dotado de destacada qualidade intelectual, sendo capaz de formar o espírito, os costumes e a sabedoria daqueles que estavam sob os seus cuidados. Os preceptores eram considerados sucessores dos pais na responsabilidade sobre os filhos. Assim como as amas de leite ocupavam o papel da mãe, estes deveriam ocupar o lugar do pai. Segundo as leis da natureza, nem as mães

¹⁴ Como eram conhecidos os sacerdotes da Cibele, originalmente uma deusa frígia. Sendo a deusa Mãe da Terra adorada na Anatólia desde o neolítico, Cibele era a personificação da terra fértil, uma deusa de cavernas e montanhas, da natureza e dos animais (especialmente leões e abelhas). A designação aparece poucas vezes entre os mitos gregos, sendo mais conhecida como Atalanta e Hippomenes. Segundo a mitologia grega, foi Cibele quem iniciou Dionísio em seu culto misterioso.

¹⁵ Nota-se que este mimetismo já emergira em tempos heroicos, sendo considerado por Sócrates e Platão como parte de virtudes cívicas. NEBRIJA, Antonio. De liberis educandis, p.111.

deveriam faltar quanto à alimentação dos filhos, nem os pais quanto à instrução. Os preceptores, neste quadro, deveriam se colocar no lugar dos pais quando cuidassem dos seus filhos, para que estes tivessem acesso à melhor educação moral e intelectual (NEBRIJA, 1999, p. 118). Não deveriam ter defeitos ou suportá-los, buscando sempre a sua correção. Deveriam ser resistentes ao mau humor, sem, contudo, deslizarem por uma afabilidade libertina. Sua conversa, por sua vez, deveria ser franca, honesta e abundantemente sobre as boas coisas. Deveria guardar sua raiva para si, no entanto, sem disfarçar as falhas que tinham de ser corrigidas.

Apesar do auxílio dos preceptores, estes não deviam substituir inteiramente os pais. Advertia o pensador que os pais não deveriam “abandonar” e negligenciar a instrução de seus filhos por completo, uma vez que se os renegassem estariam causando problemas ao reino e à sociedade. O pedagogo devia ter apenas a função de impulsionar a vontade de aprender das crianças, não castigando compulsivamente e excessivamente. Como ensinava o célebre retórico romano Quintiliano, cuja obra fez fortuna ao longo do tempo e é citado por Nebrija “o professor deve ser completamente erudito e não deve se vangloriar disso, cumprindo sempre sua missão de guiar os jovens para a salvação e a virtude” (NEBRIJA, 1999, p. 116). Entretanto, havia um problema envolvendo os preceptores: muitas vezes, os homens escolhidos para guiar os filhos nos primeiros passos para uma vida virtuosa acabavam se atrapalhando ao longo da jornada, denunciando terem sido escolhidos pelos pais pelas razões erradas. Ao invés de selecionarem pela sabedoria, escolhiam por afeto, amor, favor, benefício, ou algo mais indigno, como para poupar dinheiro. Tais critérios inadequados acabavam gerando demasiados problemas, uma vez que os pais acabavam elegendo bajuladores para os seus descendentes; o que não os beneficiava em nada, pois eles deveriam escolher o homem por sua sabedoria e não por seu custo-benefício.

Quanto à atuação dos preceptores, advertia-se que deveriam intervir na vida das crianças com atenção primordial para as suas naturezas, as suas qualidades naturais e suas especificidades. Deveriam igualmente atentar para seu nível de ignorância e ritmo para o entendimento, se lentas ou compenetrados e inteligentes. A partir de então, ele poderia definir a forma, as metas e exercícios a serem cumpridos para melhor instruí-los, lembrando-se de cuidar de laboriosa maneira da forma como trabalhar com as crianças, nunca sendo brusco em suas ações e sabendo exatamente como diferenciar os tratamentos das crianças, das mais sensíveis até as mais exaltadas. As crianças deveriam ser apresentadas ao estudo das artes e das virtudes, sendo o essencial em todo o trabalho a boa formação. Assim como as amas de leite, os preceptores tinham que ser cuidadosos com o que diziam na presença das crianças para que não dissessem nada obsceno, desajeitado ou grotesco. Como ensinara Gregório Magno, retomado por Arévalo, as palavras das amas de leite e dos preceptores que criam os meninos,

se são boas, funcionam como o leite, sendo bem aproveitadas, mas, se são ruins, afetam como um veneno a aprendizagem (ARÉVALO, 1999, p. 74).

Uma vez que chegaram na jovem infância, no momento de contínuo exercício das boas ciências, outros desafios são postos aos preceptores. Em uma idade maior os cuidados não podiam ser menores. Sobre essa fase, parafraseado à maneira de Aristóteles, este ensinara que as metas da vida de todos os pais que presam pela existência e boa vida dos filhos deveriam em torno da instrução de seus descendentes nas boas ciências e em estudos dignos de louvores (ARÉVALO, 1999, p. 75). Algo novo deveria ser apresentado todos os dias, pois os discípulos, depois de terem ouvido suas instruções, deveriam seguir os exemplos das lições, aprendendo a amar e respeitar todos a sua volta, principalmente a Deus. O preceptor não deveria sobrecarregar os alunos débeis, antes deveria moderar seus impulsos e apelar para suas capacidades intelectuais de ouvinte. Sua obrigação era sempre a de instruir seus pupilos em algo novo, já que uma palavra viva poderia alimentar com mais plenitude, principalmente se fosse originada de um preceptor.

Os estudos e os exercícios deveriam sempre começar com a mais tenra idade, como citado no exemplo de Licurgo, que, recebendo dois filhotes de cães nascidos dos mesmos pais e no mesmo dia, foram educados com costumes diferentes. Enquanto um cão era um tanto quanto preguiçoso e comilão, o outro era sagaz e treinado para a caça, demonstrando como a criação era capaz de influenciar nos costumes, disciplina e virtudes ao longo da vida ¹⁶. Os exercícios preparavam os jovens para as atividades que a natureza os dotava da melhor maneira. Acreditava-se que cada pessoa possuía qualidades específicas na vida, sempre buscando progredir através dos estudos, do exercício e da boa conduta moral. Segundo Sêneca, a força da natureza não afetava somente a inteligência ou as qualidades naturais, mas também aos corpos, cujas forças não são aptas para todas as atividades por ele realizadas, diferentemente dos animais, visto que algumas espécies são específicas para o carregamento de cargas e outras para a luta. Exemplo disso eram os cães, pois alguns se sobressaem na caça ao javali, enquanto outros na de cervos, do mesmo modo os cavalos que, apesar de serem todos rápidos, nem todos são apropriadamente velozes para as corridas. As mesmas disparidades, destaca Arévalo, podiam ser notadas quanto à inteligência e qualidades naturais dos jovens. (ARÉVALO, 1999, p. 83).

No período em questão, a educação das crianças era feita por dois tipos de preceptores: um mais ilustrado e um considerado mais medíocre. Nos primeiros anos, as crianças deveriam

¹⁶ Segundo Villa Prieto esse exemplo de Arévalo foi retirado da obra de Plutarco *De liberis educandis*. VILLA PRIETO, Josué. Fonti e metodi per lo studio dell'educazione nobiliare nel Tardo Medioevo: rapporti culturali tra Italia e Spagna. In: XXVIII Seminario residenziale di studi, 2015, p.2.

receber instrução das ciências e das letras. Entretanto, como estas eram consideradas complexas, para facilitar na sua aprendizagem o contato com preceptores menos ilustres, era essencial, visto que esses eram mais aptos a fazerem os alunos compreenderem através de imitações (NEBRIJA, 1999, p. 120). Ela deveria, todavia, ser complementada pelos melhores, para que não houvesse desmerecimento da arte da sabedoria. Primeiramente, era cabível que se destacasse a formação teórica do preceptor com muito cuidado, bem como o caminho que fez até chegar a ela. Em segundo lugar, ressaltava-se que a educação e a inteligência eram de suma importância e essencial para qualquer pessoa instruída, já que ninguém adquiria um conhecimento mais profundo se fosse desprovido do mais básico. O exemplo lembrado é o de Filipe II, rei dos Macedônios, que desejou que os primeiros ensinamentos dados a seu filho, Alexandre, fossem feitos por Aristóteles, o maior filósofo de seu tempo (NEBRIJA, 1999, p. 120).

Além das qualidades próprias de cada indivíduo, qualidades potenciais deveriam ser trabalhadas concretamente por mestres, de forma que fossem aperfeiçoadas e mais úteis às inclinações naturais. Sem perder de vista que era inútil relutar contra suas inclinações, um fato que deveria ser aceito pelos pais, quando sagazes, prudentes e sábios, eram as necessidades de seus descendentes; cumprindo assim o papel de pai e o seu dever com Deus, ele mesmo e a sociedade. Assim, cada um deveria fazer aquilo que lhe agradasse, fizesse feliz e sentir-se bem (ARÉVALO, 1999, p. 52). Cada um deveria aproveitar da melhor forma tudo o que possuía de natural, ocorrendo uma seleção de qualidades encontradas nas crianças, uma vez que existia uma grande variedade, assim, cada criança deveria ser educada de maneira que fossem protegidas suas qualidades naturais, pois, quando a disposição natural era trabalhada e ensinada da forma correta, tornava outros tipos de atividades mais atrativas. Por isso, se a natureza fosse impulsionada em direções opostas, não poderiam ser obtidos resultados satisfatórios.

Quanto às crianças menos aptas, nas quais se considerava haver um abandono das qualidades naturais que as tornava mais fracas, era necessário adicionar algumas coisas a essa natureza. Toda a instrução deveria buscar preencher o que faltou à natureza e deveria investir na formação teórica que seria desnecessária se a própria natureza fosse suficiente. Se algo bom existisse dentro de alguém, esta qualidade deveria ser aproveitada e não menosprezada. Nebrija acredita que, a partir das elucidações de Éforo ¹⁷ e Teopompo ¹⁸ sobre os preceptores, era

¹⁷ Éforo foi um historiador e discípulo de Isócrates, sendo citado por Cícero em “Orator ad Brutum”. NEBRIJA, Antonio. De liberis educandis, p.128.

¹⁸ Teopompo foi um historiador de Quíros sendo também discípulo de Isócrates, citado por Cícero em “De oratore”. NEBRIJA, Antonio. De liberis educandis, p.128.

necessário que esses fossem ilustres, para que se formasse uma mistura da maneira de ser daqueles que freiam a natureza, com o outro que a desenvolve ao máximo através da educação (NEBRIJA, 1999, p. 122). Além disso, dois modos de ação deveriam ser evitados pelos preceptores: o primeiro era o de tentar o que não pode ser feito; e o outro, não transferir o que se pode fazer muito bem a outro menos qualificado. Ademais, cada preceptor deveria tratar seus discípulos de acordo com suas qualidades naturais: enquanto os que fossem mais insolentes deveriam ser apressados e concomitantemente educados de forma mais assídua; alguns outros deveriam olhar as ordens com indignação. O preceptor deveria possuir uma visão criteriosa e prestar atenção a todas essas dicas. Se ele estivesse procurando elogios para si mesmo e quisesse satisfazer a esperança dos pais em criar filhos virtuosos, essa era a solução (NEBRIJA, 1999, p. 123).

A idade pueril

A disciplina e severidade com os filhos quando estes chegam à segunda idade pueril sugeriam que a educação deve ser mais constante na vida dos jovens que se encontram na fase “pueril” – essa essencial para que se superassem seus vícios e seguissem por um caminho sábio e virtuoso. Era necessária a discussão das questões relacionadas com a formação das qualidades da alma. Aristóteles diz que as crianças não deveriam se aproximar de instrução alguma antes do seu quinto aniversário; nem deveriam ser obrigadas a trabalhar, uma vez que poderiam impedir e retardar o seu crescimento. Nessa idade, no entanto, algumas atividades poderiam influenciar na maneira de as crianças fazerem suas escolhas morais para uma boa vida no futuro; por exemplo, não deveriam contemplar quadros indecentes ou ter convivência com os servos ou escravos que possuíam um modo inferior de vida ou que poderiam agir de forma obscena, ao falar de maneira indecente e com atos indecorosos.

As crianças não deveriam dar atenção a fábulas inúteis, somente aquelas que em determinado momento poderiam lhes ser úteis, tais como as do autor de fabulas Esopo, um nativo de Frígia, ou Luciano de Samósata, conhecido notadamente por seus diálogos satíricos (NEBRIJA, 1999, p. 112). Então, devido à assídua correção comportamental que existia das crianças, era necessário seguir os exemplos de Cassiodoro, um Senador, escritor e estadista romano, conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, que propunha que não se tornava vicioso aquele que constantemente era auxiliado pelos pais, ou seja, os vícios e os erros podiam ser “purificados” com um ensino assíduo (ARÉVALO, 1999, p. 77). Entretanto, a severidade e a cobrança não deviam ser extremadas, uma vez que a pressão poderia desgastar seu

relacionamento, principalmente se castigos excessivos fossem utilizados. Essa idade era considerada a mais suscetível aos vícios, como advertira o filósofo do século VI, Boécio, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo, que conta que o filho de Lucrécio, que havia sido criado sem limites, consumindo todos os seus bens de forma depravada e culminando na impureza, fecharam chances para um futuro, chegando a condenar seus descendentes, uma vez que se acredita que manchas da vida dos pais sempre interferem no futuro de suas proles, todavia esse filho não teve essa chance, visto que foi condenado à força por suas ações e delitos (ARÉVALO, 1999, p. 77).

A disciplina e desenvolvimento dos jovens que chegam à terceira idade, a adolescência, para Arévalo, era indispensável, pois era este o momento mais especial de todos, visto que essa fase é tida como florescente. Como as flores, os jovens adquirem nessa a virtude e a sabedoria. Não que nas outras fases esses não as aprendessem, mas, segundo o autor, assim como os frutos não crescem em uma árvore até antes de florescer, ninguém pode viver bem a idade adulta e a velhice se não obtiver sua honra legítima enquanto adolescente. De forma que era mister sempre trabalhar a disciplina, o estudo e a perfeição das virtudes (ARÉVALO, 1999, p. 81). Entre tantas virtudes existentes nessa fase, os adolescentes deveriam dar mais ênfase em três: a discrição, a continência e o pudor, tendo em conta que quando viessem a ser pais, também teriam a obrigação de alimentar e educar seus filhos da forma mais honrosa possível.

Outra discussão pertinente, feita principalmente por Nebrija, é a propósito de se a educação deveria ser feita em casa ou na escola; tema que foi de extrema relevância no período em questão ¹⁹, tendo sido trabalhado inclusive por Quintiliano. Segundo Nebrija, aqueles que acreditavam que as crianças deveriam ser educadas no âmbito privado justificavam-se a partir de dois fatores: o primeiro deles era que, no ambiente escolar, estes indivíduos estavam mais sujeitos a entrar em contato com pessoas de costumes e índole duvidosas, o que acarretaria em possíveis vícios; a segunda justificativa era de que, no ambiente escolar, os preceptores usavam de seu tempo para tratar da educação de um número maior de crianças, enquanto que se estas fossem educadas em casa todo tempo poderia ser dedicado a um número mais restrito de indivíduos, favorecendo mais os bons costumes do que a educação plena (NEBRIJA, 1999, p. 125). Todavia, mesmo com aqueles que fossem educados em casa, era possível que se encontrassem com crianças de costumes corrompidos e escandalosos, pois sem dúvida o preceptor escolhido pela família poderia ter sido indecente, enquanto um preceptor público poderia ter uma vida virtuosa, sem delitos e que não admitisse em sua escola nenhum

¹⁹ Diferentemente de Arévalo e seu tempo, no período de Antonio Nebrija as escolas ainda não eram um meio de ensino tão recorrente para o ensino dos jovens nobres.

comportamento que não fosse sério, austero, respeitável e inapropriado. Os pais até poderiam oferecer um preceptor não corrompido como um companheiro, que carregava e trazia o discípulo, mas, por outro lado, não havia qualquer obstáculo para que particularmente o preceptor dessas instruções na escola.

Se o indivíduo desejava ter grande papel em sua vida, deveria, prescreviam os textos, acostumar-se desde pequeno a não temer os homens e a não padecer sozinho e com uma vida obscura. A mente deveria sempre estar em movimento e deveria ser reforçada ao conhecimento, caso contrário, enfraqueceria se estivesse isolada. Além disso, Nebrija propunha que, quando o jovem fosse apresentado ao público, ficaria deslumbrado em meio à luz do sol e ficaria chocado com as novidades se não fossem filtradas (NEBRIJA, 1999, p. 126). Esta forma de raciocínio se aplicava também a outros campos, na verdade, o mesmo deveria ser dito sobre os costumes e educação digna de um homem livre. Um cidadão que viveu a vida toda no campo ou em casa entre os servos e os servos paternos, não vai se reunir e compreender a vida da corte e seus costumes tão facilmente (NEBRIJA, 1999, p. 127).

Ao longo de sua vida, ao lado dos preceptores, as crianças, em suma, deveriam ser formadas de maneira a demonstrar respeito e serem respeitosos com seus preceptores, pois a maior parte da educação de então estava baseada na imitação das ações daqueles por quem se tem admiração e respeito (NEBRIJA, 1999, p. 123). Isto seria realizado da seguinte forma: o discípulo era dependente das palavras do preceptor que ama mais os estudos do que os seus alunos, já que acreditava não ser pai de seu corpo, mas sim de sua alma que necessitava se aprimorar. Segundo as palavras do poeta Quienes, os preceptores deveriam quase que tomar o lugar dos pais (em comparação) a uma pálida sombra dos antepassados. O respeito pelo preceptor era de muita utilidade para os estudos, devendo as crianças quererem ser como eles, confiando nas suas palavras. Entretanto, se fossem corrigidos pelos discípulos não deveriam se irritar, mas sim se alegrar.

Conclusão

Com todas essas colocações quanto à educação dos filhos dos nobres na Castela do fim da Idade Média, somos levados a concluir que a educação foi motivo de reflexão acurada, não apenas visando o desenvolvimento das capacidades individuais de acordo com cada fase da vida, como a infância, mas também almejando a repercussão que seus atos causavam na sociedade, lembrando que estes deveriam ser sempre virtuosos; já que esses deixariam legados e manteriam a estabilidade social. Tudo isso dependia daqueles que se encontravam ao redor

dos descendentes, buscando os melhores modos de formação intelectual e moral a serem dados pelos preceptores e progenitores, sem perder de vista que a moral era herdada assim como as coisas naturais, nas mais diversas fases da vida do ser.

A finalidade, todavia, era sempre semelhante: a implantação nas almas dos jovens as sementes do bem e da virtude para o “bem viver”, sempre remetendo a um conceito integrado de homem forjada a partir dos textos clássicos e cristãos. Arévalo e Nebrija, ambos os autores, aqui mais detidamente examinados, insistem no dever do “bom pai” de não se contentar apenas com as virtudes exteriores e políticas de seus filhos, mas também de buscar a virtude interior do coração, que é verdadeira e sólida e, portanto, raiz que a conecta com o mundo exterior. Um “cuidado” que devia começar desde antes do nascimento, já com a escolha da esposa, e que se intensificavam com os filhos quando eram pequenos, garantindo-lhes boas ocupações conforme a sua idade e capacidade, sem permitir-lhes estar ociosos. Era essencial a aprendizagem e exercício das coisas cristãs e daquelas necessárias para uma boa comunicação com a sociedade.

A vigilância paterna no caso dos rapazes contemplava uma formação literária, moral e política que apenas os preceptores podiam dar, visando estabelecer as bases do futuro comportamento da criança e do “moço” nos mais variados níveis e segundo critérios prioritariamente catequéticos e moralizantes, que privilegiavam não só a reverência e respeito aos pais, a obediência, o sustento na velhice, mas também a “modéstia”, a “cortesia”, o “bem falar” e as “boas obras” que caracterizavam o “discreto moço”. Todas essas deveriam ser “incorporadas” para se fazerem “naturais” desde muito cedo. Tinha grande importância um ensino moderado e adaptado às capacidades das crianças e, em contraponto, criticava-se fortemente o desinteresse dos pais em relação ao ensino das primeiras letras - junto com as “virtudes” - aos filhos.

Era essencial que o jovem, além da educação, soubesse buscar as boas companhias, fugindo dos maus amigos e evitando a excessiva liberdade e a abundância, tão favorável à perdição dos mancebos. Entre suas recreações, valorizavam-se as honestas, pois estas eram necessárias, já que um homem com uma vida triste e solitária, separado dos demais homens, poderia deslizar por um vício extremo que, por sua vez, o levaria a uma “indiscrição e pouco saber”. Enunciando os critérios morais diferenciadores dos vários tipos de recreações e definidores da sua “honestidade”, focando desde os jogos até às comédias, os tratadistas deixam claro a busca e criação nos homens de determinadas qualidades essenciais para o seu sucesso moral e espiritual perante Deus e a sociedade. A educação, diziam, expunham o potencial do indivíduo e, portanto, de alguma forma, era uma contribuição para a obra de Deus.

Bibliografia:

ARÉVALO, Rodrigo Sánchez de. *Manera de criar a los hijos (1453)*. Estudo e notas de Lorenzo Velásquez e tradução de Pedro Arias. Pamplona: Servicio de publicaciones de la Universidad de Navarra, 1999.

ASTETE, G, S.J. *Institucion y guia de la juventud christiana*. Tomo I, Burgos, en casa de Philippe de Junta, 1592.

BECEIRO PITA, Isabel. La formación del caballero y la dama a través de los tratados didáticos peninsulares. In: *Identidades, contactos, afinidades: La espiritualidad en la Península Ibérica (siglos XII-XV)*, Biblioteca Nacional de Portugal e Real Biblioteca del Monasterio de El Escorial. p. 169-170, 2013.

_____. *Libros, lectores y bibliotecas em la España medieval*. Murcia: Nausícaa, 2007.

BORN, Lester Kruger. *The Perfect Prince: A Study in Thirteenth- and Fourteenth- Century Ideals*. Medieval Academy of America, Speculum, Vol. 3, nº4, p.470-504, 1928.

CAMOS, Marco Antonio de. *Microcosmia, y gobierno universal del hombre christiano, para todos los estados y qualquiera de ellos*. Barcelona, en el Monasterio de Sancto Augustin, 1592.

CAAMAÑO TOMÁS, Alejandro. *Castigos y doctrinas que um sabio daba a suas hijas: un ejemplo bajomedieval de la literatura de matrimonio en España*. Medievalia, nº39, p.118-129, 2007.

CORREIA FERNANDES, Maria de Lurdes. *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Instituto de Cultura Portuguesa Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

DEL VAL VALDIVIESO, Maria Isabel. *Educación del príncipe y de las infantas en la corte castellana al final del siglo XV*. Acta Lauris, nº1, p.7-21, 2013.

DILLARD, Heath. *Daughters of the Reconquest*. In: *Women in Castilian Town Society 1100-1300*. Cambridge: Cambridge UP, p. XII-272, 1984.

ERASMO. *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*. Tradução e estudo de Jean-Claude Margolin, Genebra, Suíça, 1966.

FERNÁNDEZ, Vicente Calvo; VILA, Manuel Ruiz Vila. *El Primer tratado de pedagogia del humanismo español*. Hesperia: Anuario de filología hispánica, nº3, p. 35-82, 2000.

HAYWARD, Keniston. *A fifteenth century treatise on Education, by bishop Rodericus Zamorensis*. In: *Bulletin Hispanique*, tombo 32, nº3, p. 193-217, 1930.

KOHUT, Karl. *Sánchez de Arevalo (1404-1470) frente al humanismo italiano*. Actas del Sexto Congreso Internacional de Hispanistas, p.431-434, 1980.

NEBRIJA, Antonio. *De liberis educandis*. In: ARÉVALO, Rodrigo Sánchez de. *Manera de*

criar a los hijos (1453). Estudo e notas de Lorenzo Velázquez e tradução de Pedro Arias. Pamplona: Servicio de publicaciones de la Universidad de Navarra, 1999.

NOGALES RINCÓN, David. *Los espejos de príncipes en Castilla (siglos XIII-XV): un modelo literario de la realeza bajomedieval*. Universidad Complutense. Madrid, n°16, p.9-39, 2006.

ORTEGA SÁNCHEZ, Delfín. *Infancia, familia y educación en la Edad Moderna española: un recorrido a través de las fuentes pedagógicas (siglos XVI-XVIII)*. Tejuelo, n°11, p.86- 103, 2011.

RIVERA, Olga. *La crianza de los hijos en los tratados de educación de Rodrigo Sánchez de Arévalo y Elio Antonio de Nebrija*. Cincinnati Romance Review, n°39, p.160-175, 2015.

RUCQUOI, Adeline. El deber de saber: la tradición docente en la Edad Media castellana. In: MAZÍN GÓMEZ, Oscar (dir). *México en el mundo hispánico*, Zamora: Mexique, p.309-329, 2000.

_____. Éducation et société dans la Péninsule ibérique médiévale. In: *Histoire de l'éducation*, n°69, p. 3-36, 1996.

SERVERAT, Vincent. *Sobre algunas tríadas sociales en la hispania medieval: de Isidoro de Sevilla a Rodrigo Sánchez de Arévalo*. Université Stendhal - Grenoble III, Revista de Literatura Medieval, XIX, p.207-241, 2007.

SILLERAS-FERNÁNDEZ, Núria. *The queen, the prince, and the ideologue: Alonso Ortiz's notions of queenship at the court of the catholic kings*. Anuario de estudios medievales, n°46/1, p.393-415, 2016.

TONI, Teodoro. Don Rodrigo Sánchez de Arévalo, 1405-1470. In: *Anuario de história del derecho español*, XII, p.97-360, 1935.

VILLA PRIETO, Josué. *Afrontar el destino: fortuna, providencia y moralidad en los tratados castellanos de la baja edad media*. Erasmo: Revista de história bajomedieval y moderna, n°3, p.157-180, 2016.

_____. *Fonti e metodi per lo studio dell'educazione nobiliare nel Tardo Medioevo: rapporti culturali tra Italia e Spagna*. In: XXVIII Seminario residenziale di studi, 2015.